

L **U** **G** **A** **R**
emanuel dimas de melo pimenta
2 0 0 0 4

título: LUGAR

autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta

ano: 2004

Arte, filosofia, estética

editor: ASA Art and Technology UK Limited

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

www.asa-art.com

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte de esta publicação poderá ser utilizado com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por qualquer meio, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

Estudar a condição em que se encontra alguém que apelou às forças obscuras é um dos caminhos mais certos e mais rápidos para o conhecimento e para a crítica desses mesmos poderes. Pois cada prodígio tem dois lados, um para quem o faz e outro para quem o recebe. E, não raramente, o segundo lado é mais informativo que o primeiro, pois já contém em si o segredo deste.

Walter Benjamin

Andamos tão ocupados e viciados pelo *ambiente*, isto é, por tudo o que nos *forma* – palavras, superfícies, cores, leis, objectos, arte, valores, julgamentos, famílias, amigos, pessoas, ideias – que não temos, em geral, para não dizer *sempre e todos*, *tempo e espaço*, consciência daquilo que nomeamos como *lugar*.

Afastamo-nos, sem intenções, do facto – ou *quasi-facto* – de pertencermos a uma complexa estrutura de *espaço-tempo*.

As ideias de Minkovisky – que ainda no século XIX seriam *literalmente extra-terrestres* e que iluminam uma desconcertante fusão do espaço e do tempo – nada mais fariam que constituir um *tecido* estranho, abstracto, ainda que pretendessem tocar a concretude total, na realização de uma aspiração impossível: o signo alcançar e se tornar no seu objecto.

Lugar enquanto *mandala*.

Assim, acorrentados pelas brilhantes ideias de Aristóteles – para quem o mundo surge da *causalidade local* e o espaço nada mais é que um *hic et nunc* livre de qualquer *aura* possível – departamentalizamos tudo, tomando a nossa percepção dentro de um limitado espectro da Natureza.

Mas! Subitamente, imaginemos Demócrito e os seus átomos – e a partir deles, e depois de J.J. Thomson, Ernest Rutherford, Niels Born e James Chadwick, as partículas subatómicas, *quarks* e outros, retirados da poesia de James Joyce: partículas que, livres do *espaço tempo*, constituem o fundamento essencial das *Super Cordas*.

Ali, livres do continente bem delimitado das fronteiras, Schopenhauer estabeleceria a trama da *causalidade não local*, *flash* de fenómenos lançados num tecido sem deslocamento temporal ou geográfico, onde Jacques Monod projectaria a sua luminosa *ideosfera* – descobertas que surpreendem pela *co-incidentia*, conduzindo-nos, inevitavelmente, à não menos desconcertante matemática da *sincronicidade* de Jung.

Surpresa, pois ela apenas acontece enquanto descontinuidade inesperada.

Surpresa para um complexo fechado de interacções internas – ainda não pertencentes a uma galáxia que se tornaria mais que simples totalidade: *totos*.

Fosse uma estrutura aberta e eterna, como imaginado por Aristóteles, não haveria *lugar* – não haveria *surpresa*.

Tudo seria eterno e contínuo numa interminável rede de *causalidades*.

Estaremos, afinal, num Universo *eterno*, como acreditava Aristóteles, sem princípio, meio e fim, para o qual o milagre é logicamente impossível, ou pertenceremos ao domínio do anti-destino, do livre arbítrio?

Quando lidamos com a ideia de *lugar* é com essa questão essencial com que deparamo-nos.

Destino e liberdade.

Onde estará a poesia de Dante, a *patafísica* de *Ubu Rei* pelas alertas mãos de Jarry, os olhares de Giotto?

Todos se encontram nos *olhos*.

Olhos, que cunharam boa parte da *urbis* e, para além dela, da *civis* – gerando aquilo que compreendemos como *civilização*.

Pois a palavra *cultura*, do Indo Europeu **kwol*, significava *cercar*, como quando um caçador corre atrás da sua presa, *forma* grupos, *prevê* movimentos, prepara-se para *atacar*, para *agarrar*, para tomar, e daí *cultus*, essência da *religião*, de dupla explosiva raiz: *religare* e *relegere*, *simultaneamente*.

Tal como *ambiente*, e *environment*, raízes que nos revelam o sopro em torno de algo, envolvimento *incontinenti* do *phrana*, da *pneuma*, constituindo o mais vigoroso *nous*, livre do *espaço tempo*.

Simultâneo... fenômeno impossível na física, na matéria, partindo e chegando ao *Princípio da Incerteza* de Heisenberg. Mas, nada impossível para a *ideosfera*, para uma *causalidade alocal*, para as *Super Cordas*.

Quando temos em mente elementos formadores das partículas subatômicas, a sua escala se encontra fora do espectro de *espaço tempo* com o qual lidam os nossos sentidos.

Imaginamos, matematicamente, *cordas*, nem pequenas, nem grandes – ligadas, todas, numa outra dimensão de espaço e de tempo.

Mesmo a árvore de *causalidades* imaginada por incontáveis filósofos ao longo de milhares de anos, desenhando um complexo *fractal* de conexões, *explicando* em *causalidades* as mais longínquas ocorrências no sistema, é algo estranho a esse possível Universo.

Com as *cordas adimensionais*, tudo está ligado, interdependente e independente – não importando as suas relações espaciais ou temporais.

A lógica que essa escala implica nos coloca face a face ao princípio do *terceiro incluído* demonstrado pelo matemático Stéphane Lupasco.

Isto significa dizer que ao princípio Aristotélico do *terceiro excluído* – segundo o qual nada pode estar no mesmo lugar ao mesmo tempo, ou que se algo existe a sua negação será impossível *a priori* – associa-se um novo princípio matemático, do *terceiro incluído*, para o qual algo pode existir e, simultaneamente, não existir.

Simultaneamente, que é, em si, a negação de toda a tradição lógica Ocidental.

Assumimos uma *transdimensionalidade* na fusão de uma percepção – ainda que dedutiva – de um mundo formalizado pelo princípio Aristotélico da *exclusão*, e o de Lupasco, da *inclusão*.

Ambos, juntos.

E, como se tratássemos sempre de *metalinguagem* – estabelecido numa dimensão para muito além da concretude dos sentidos – temos um novo significado para o maravilhamento do acto da descoberta e do conhecimento, que já tinha sido tão magicamente ilustrado por Sócrates.

Como a *luminosa* explosão de um pulsar, expandindo-se para todos os lugares, em diversos tempos, esse magnífico e encantador princípio tocou a intuição de vários pensadores.

Maimonides, Schopenhauer, Charles Sanders Peirce, René Berger e Richard Buckminster Fuller, para citar somente alguns nomes.

A *estratégia sínica* de Peirce, quando um signo é e não é aquilo que o estrutura, a fusão entre religião e razão com Maimonides, o *teleantropos* de René Berger, a *causalidade alocal* de Schopenhauer ou a *sinergia* de Fuller.

Aqui, emerge, virtualmente, enquanto *virtus*, potencialidade incontida, a questão do *lugar*.

Qual a *razão, ratio, relação*, afinal, entre o lugar e o olho?

Do Indo Europeu **ok*, passando pelo Sânsrito *áksi*, no plural de *olhos*; no Grego *optikos*, ou no Latim *oculum*, providenciando um sem número de significados, desde a Suméria e o Antigo Egípto, o *olho* conquistaria lugar de eleição, colocando-se como o mais importante dos sentidos – prova assumida com total frontalidade pelo próprio Aristóteles.

Por essa via, directa e clara, transparente e iluminada, revela-se a *sístase* – traço fenomenológico que nos ensina o funcionamento da visão: tudo concentrado num *todo coerente* – cunharia uma onda civilizacional fortemente *visual*.

Daí a *perspectiva*, *ver através*, mas *plana*, tudo mergulhando num *único ponto*, *hierarquia*, e a emergência do *príncipe* – que fundamenta o universo político, da *polis*, da *urbis*, da *civis*, e seus *personagens*, como vindos da antiga máscara acústica teatral Etrusca *traduzida* na lógica da visão, *per sonare*. Também revelando a origem lógica dos *mecenas*, dos modernos *ditadores*, daqueles que *ditam*, como quem *vê*, para um determinado e bem definido *fim*, *propósito*: ouvido *redesenhado* em visão. Ou, ainda, dos *déspotas* cuja origem etimológica Grega aponta para o *senhorio*, dono único da casa, *ponto de fuga* de um sistema characteristicamente *teleológico*.

Mas, a poesia não ficaria imune à literatura – e a *ordem por coordenação*, que implica a condição do sagrado, os princípios de *metonímia* e *similaridade* não desdenhariam o poderoso artefacto do alfabeto fonético – reformulando-se pelas mãos de ee cummings, Mallarmé, Joyce, pela poesia concreta, enigmáticas letras, partículas *sem som*, *visuais* mas agora, já, *subatómicas*.

E, então, o surgimento da *luz sólida*, através dos tubos catódicos mostrando a improvisação da *luz emitida* – em substituição da *luz reflectida* – pela primeira vez desde a *domesticação* do fogo.

É aí que pudemos compreender, de uma vez por todas, que o antigo *technoi* – indicando originalmente a *habilidade* – era a verdadeira raiz da *tecnologia*, no *fazer* que *forma o ser*.

Fazer que gera, numa etapa mais avançada, a própria *arte* – ainda quando esta alcança o *fazer mental*, acto de pura *inteligência*, que não conhece departamentos, distribuindo-se dramaticamente *inter persona*.

Inteligência colectiva que é, simultaneamente, *indivíduo*.

Sistema de *nano decisões* que *consolida* o *indivíduo* – como tão sabiamente percebeu Petrarca.

Entretanto, emergem as megacidades, fundidas em redes de telecomunicação interactiva em *tempo real*, transbordando a nova *mega escala*, numa *transdimensão*, para a qual o *nano* se revela no *super macro*, uma nova espécie de *plus ultra, fazer* onde o indivíduo não mais pode existir ou mesmo ser *imaginado* como *partícula* isolada.

E o olho – graças ao *fazer*, ao *technoi*, às reversões sensoriais – cede lugar à multiplicidade cognitiva, que engendra novos sentidos projectados em *próteses sensoriais*.

O mundo para muito além das suas *extensões*.

E pergunta-se, uma vez mais, sobre o *lugar*.

Posto de permanência, *ponto de culto, cultura*, transversalidade no *espaço tempo*, para mergulhar nas palavras de um velho índio Americano do início do século XX quando defendia que «todo o sagrado tem o seu lugar».

Afirmção aparentemente contraditória e paradoxal, pelo menos para o nosso antigo modelo sensorial.

Mas agora! *Lugar, pós visão, ultra sístase* pelo avesso, *totos* concentrado e coerente, mas também *descontínuo* e *viscoso*, em conjunção e disjunção com o sagrado – *livre tempo* e *livre pensar*.

Lugar estabelecido como *limite do limite*, que conduz-nos ao brilhante *desenho imagético* de John Wheeler – quando a fronteira da fronteira é zero.

Pois esse é, literalmente, o *lugar contemporâneo, lugar do tempo, espaço tempo* livre de posição geográfica precisa, abraçando todos os tempos e todos os lugares, *corte* na estrutura mental, *singularidade* de acção e de inteligência – tudo *simultaneamente*.

Esse é o *lugar da arte* e do pensamento na fronteira dos tempos, quando o antigo território herdado do mundo Romano ainda respira, mas com dificuldade, e a chamada *civilização Ocidental* se transborda na sua própria negação, reafirmando-se, vital e magicamente.

Fazê-lo num edifício *sob a terra* – verdadeiramente *underground* – negando o espaço e o tempo, projectando uma *singularidade* mágica *transcultural* e *trans-sensorial*, provocando tudo e todos como um poderoso e enigmático *atractor matemático*.

Dele, desse *lugar*, *sabe-se sempre tudo, ignorando-se, ao mesmo tempo, tudo.*

Lugar sagrado na sua essência, mas já nem mais *pura poesia*, nem mais *pura visão*.

Lugar que *existe* concretamente, mas que é vazio, que está *fora de si*, que encontra-se na memória e na articulação mental de todos, que é forjado pela dinâmica reconstrução da inteligência, que está entre todos, cunhado pelo ser humano, nas suas diferenças, na sua majestosa diversidade.

Lugar cujo significado último é plena e permanentemente eludido pela sua própria existência, pós místico *teatro da memória*, do *tempo total*, futuro passado, presente amanhã e ontem, abrindo uma fenda dinâmica e inesperada no hoje.

E aquilo que James Joyce previa – *o Oeste despertará o Leste... quando tomarmos a noite pela manhã* – faz-nos respirar novamente Lao Tsé e os seus trinta raios que tornam-se um pelos buracos do eixo, vazios que os unem para o uso da roda; tal como o uso do barro na moldagem de vasos emerge do vazio da sua ausência; assim como socorremo-nos do que não há para formar o que há.